



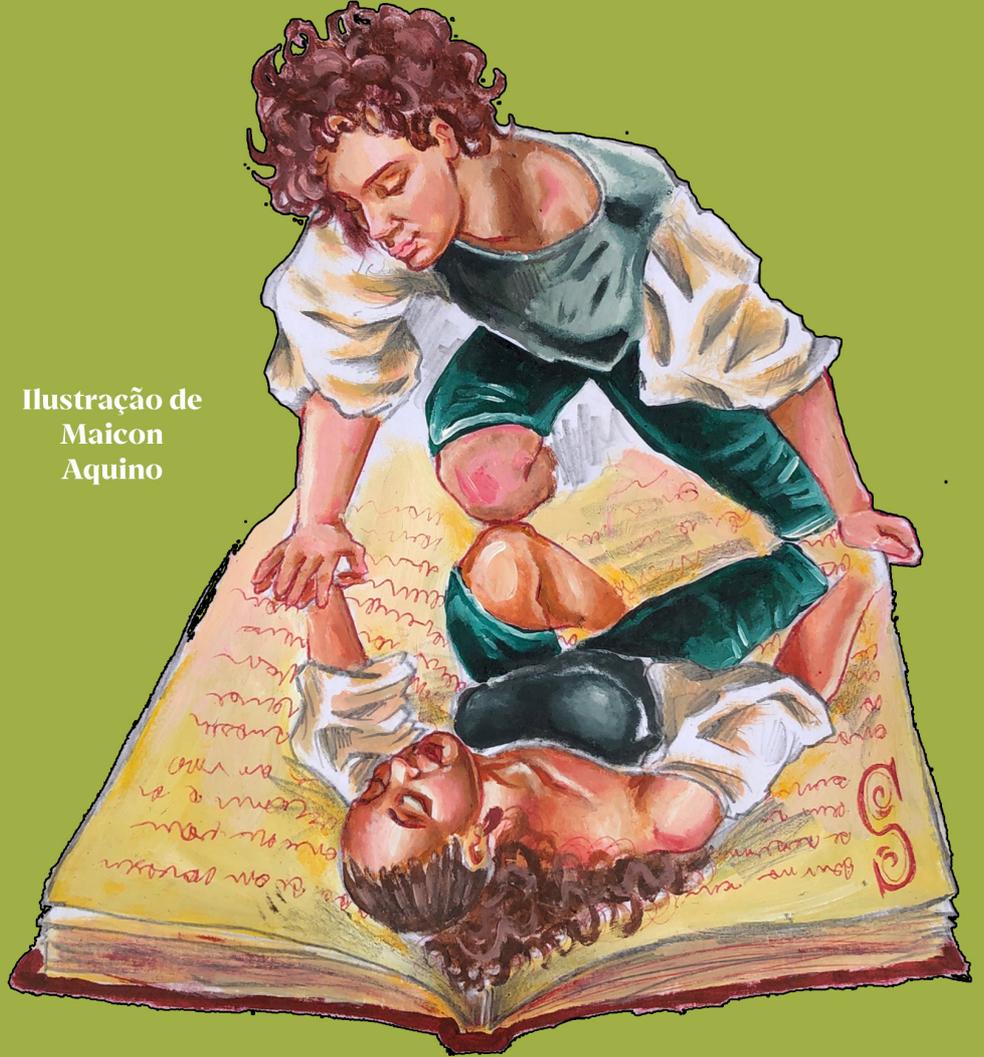
O ODISSEU

Volume III,: Número
016/ Abril de 2024

Conheça a
campanha de
financiamento
coletivo da
Revista O
Odisseu



Ilustração de
Maicon
Aquino



Literatura e Alteridade

A literatura como via de acesso ao outro

**“Ser homem em
tempos de
feminismo”, por
Ewerton Ulysses
Cardoso**

Reflexões quanto ao futuro incerto do homem “macho” em tempos de desconstrução do gênero

**“O outro que era
eu”, por Pedro
Henrique
Rodrigues**

O reencontro com a criança no homem adulto como a redescoberta do caminho

**“Experimentar,
entre línguas, o
‘outro’”, por Kaio
Veloso**

A alteridade sob a perspectiva da língua e o encontro pela tradução

**“A incompreensão do
texto”, por Caio Paiva
Ribeiro**

O texto enquanto desafio necessário para a transformação do ser

“Dá-me

um

barco”

José Saramago

“Conto da Ilha Desconhecida”

Sumário

EDITORIAL: “A viagem pelo texto”, de Caio Paiva
Ribeiro - p. 2

ENSAIO: “De barcos e livros”, de Heloísa Stefan - p. 4

CRÔNICA: “O outro que era eu”, de Pedro Henrique
Rodrigues - p. 5

ENSAIO: “Experimentar, entre línguas, o ‘outro’”, de Kaio
Velooso - p. 9

SAIBA COMO NOS AJUDAR - p. 12

ENSAIO: “A incompreensão do texto”, de Caio Paiva
Ribeiro - p. 13

ENSAIO: “A linguagem em seu duplo contato”, de
Matheus Xavier - p. 16

ENSAIO: “Ser homem em tempos de feminismo”, de
Ewerton Ulysses Cardoso - p. 19

CRÔNICA: “Travessias literárias: as palavras como
pontes”, de Aline Félix - p. 21

EXPEDIENTE - p. 23

A viagem pelo texto

Caio Paiva Ribeiro

"Dá-me um barco". É com essas palavras ao pé da porta dos obséquios que o misterioso protagonista de *O Conto da Ilha Desconhecida* com um único objetivo: ir à procura de uma ilha que não estivesse nos mapas oficiais. "Já não há ilhas desconhecidas" é o pesticida discursivo para o nobre sonho desse improvável aventureiro que, contra todas as recomendações e conselhos, joga-se em sua atividade obstinada

e sua procura que só há de cessar quando lhe for provado o contrário do que a todos já é mais que óbvio. "Todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas". Nem o mais rigoroso silogismo seria capaz de abortar nele sua sanha.

Estamos sempre à procura de ilhas — conhecidas ou desconhecidas, mas o método de atingi-las varia: pode muito bem nos bastar olhar os traços apressados do cartógrafo que (sabe-se lá de onde tirou esses conhecimentos e se eles seriam suficientes para traçar o desenho que trouxe ali à vida) vacilantemente nos dão a nossa imaginação o bastante para formar uma imagem vaga do que ali estaria, ou então talvez, se há em nós ardente um desejo pelo que os olhos no momento não alcançam, seja necessário partir em uma jornada que nos arranca do território onde se situa nossa casa — sustentáculo de nossa vida cotidiana. Mas logo se descobre, pela fala de nada mais que um filósofo, do que realmente se trata essa procura: "todo homem é uma ilha, [...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, [...] não nos vemos se não saímos de nós."

É um barco o meio de transporte viável que encontra o recém-iniciado navegante, mas

O escritor José Saramago em Lanzarote no ano de 1990 pelo olhar de Juan Guamy (Reprodução)



o nosso — pois que habitantes de um mundo infestado por aeronaves e por uma rede de alcance mundial — não poderia ser outro que a literatura. A literatura é certamente nossa melhor via de acesso para conhecer o desconhecido, desbravar o não-mapeado e conhecer novamente o já devidamente cartografado e oficialmente documentado. Ela é o barco com que navegamos em direção ao outro: o meio de sair de nós mesmos para nos encontrar.

A revista Odisseu elegeu então para esta edição o tema: "Literatura e Alteridade: a literatura como via de acesso ao outro", sabendo que não é pelos métodos convencionais — como mapas — que se vem a defrontar o que é verdadeiramente desconhecido tanto dentro quanto fora de si. O que há nesse outro cuja vista me causa desconforto e ânsia? O que esconde as vestes que não sou capaz de entender? O que esses maneirismos incompreensíveis me dizem de verdade? É talvez na literatura que se possa vislumbrar a enunciação de uma possível resposta, mas certamente não será mais o mesmo aquele que dela sair à procura.



Caio Paiva Ribeiro

Caio é colunista e editor da revista literária O Odisseu, graduando em

Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e membro do Seminário de Introdução à Psicanálise (SIPSI).

A Ilha de Lanzarote. Foto de Famara Marmiese (Unsplash)





De barcos e livros

Heloísa Stefan - Colunista

Licenciada em Letras pela UFPEL e Doutora em Letras pela PUCRS. É Preparadora/revisora de textos e supervisora editorial. Esta é sua estreia como colunista da Revista O Odisseu.



sair da ilha; então para nos vermos, precisamos sair de nós. Mas como fazemos isso? Como podemos alcançar o desconhecido?

Nós, leitores-buscadores, saímos de casa, postamo-nos à porta de uma simpática livraria ou biblioteca-porto e pedimos um livro-barco. Então o livreiro-rei/capitão, aquele ser místico e enigmático conhecedor das profundezas de nossa alma-mar, faz a sua mágica. A bordo de um novo livro, levantamos âncora, deixamos para trás o porto seguro e partimos mar adentro, rumo a uma ilha desconhecida, que é território do outro – a alteridade. E a literatura é essa navegação que fazemos guiados pelo leme do escritor em direção a um norte ainda desconhecido.

Durante a viagem, seja espiando da escotilha ou de pé na proa, conhecemos outras histórias, sacolejamos nossas certezas, avistamos novos horizontes, ficamos mareados, enredados em tramas alheias, às vezes à deriva, e por fim voltamos ao cais – porém diferentes de quando partimos: agora estamos mudados, esperançosos, renovados, tocados, surpresos, cansados, machucados, mas com a certeza de que logo sairemos atrás de outra ilha desconhecida.

Li recentemente esta frase: "Nenhum homem é uma ilha – cada livro é um mundo". Este texto pretende ser uma homenagem aos livros – nossos barcos – e a todas as pessoas – pontes e bússolas – que nos incitam a ler: amigos, livreiros, bibliotecários e estranhos com quem fazemos amizades de outra forma impossíveis ou improváveis. A via para o desconhecido é a própria vida. Como diz Saramago, "Todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas".

"Dá-me um livro."

(Linda frase para iniciar um conto sobre um leitor à porta de uma livraria.)

"E tu para que queres um livro, pode-se saber?"

(E essa resposta do livreiro, hein? Digna de um Saramago.)

"Para ir à procura do desconhecido."

Começo este meu pequeno texto de estreia para a revista O Odisseu brincando com as palavras de José Saramago em O conto da ilha desconhecida. Quando fiquei sabendo do tema desta edição – "Literatura e Alteridade: a literatura como via de acesso ao outro" –, logo pensei na via: os barcos, ou melhor, livros. Na sequência, imaginei os atracadouros e portos: livrarias e bibliotecas. E por fim, claro, enxerguei reis e capitães: livreiros e bibliotecários.

Talvez motivada pelas curiosas datas comemoradas em março e abril, resolvi escrever sobre a via. Assim como o homem do conto de Saramago, que pede ao rei um barco para ir à procura da ilha desconhecida, estamos em busca do desconhecido, do outro, daquilo que é distinto e diferente de nós. Dizem que para ver a ilha, é preciso

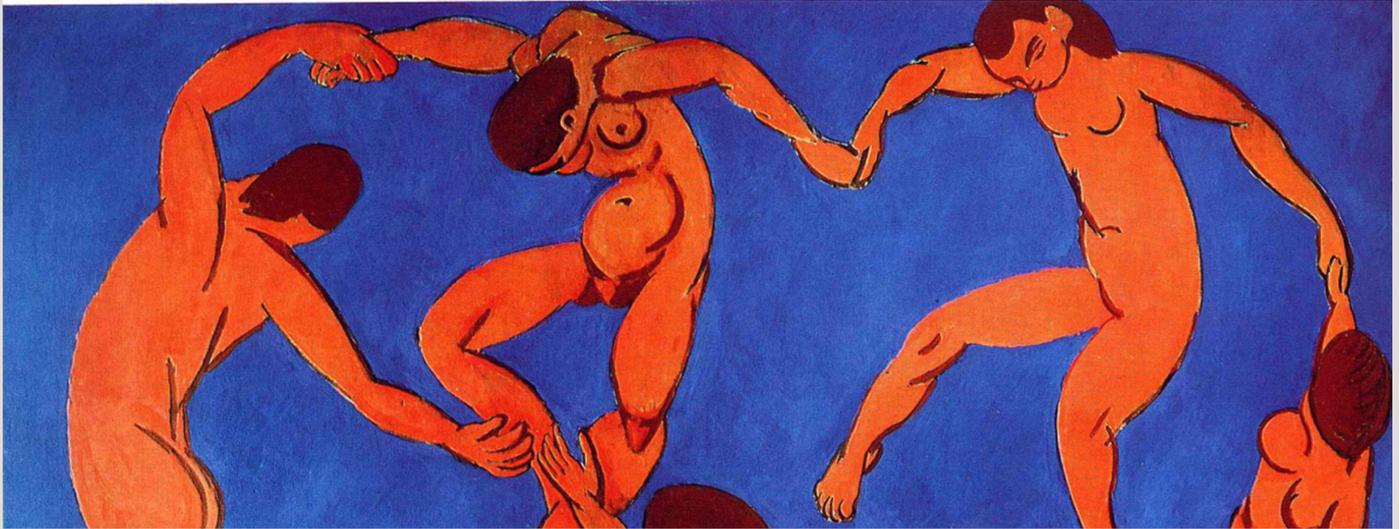
O outro que era eu

Pedro Henrique Rodrigues

Neurocientista, mestre e doutor pela Universidade de São Paulo (USP). É colunista e editor da Revista O Odisseu



"La Dnse", de Henri Matisse (Reprodução)



"As almas dos velhos e das crianças brincam no mesmo tempo. As crianças ainda sabem aquilo que os velhos esqueceram e têm de aprender de novo: que a vida é brinquedo que para nada serve, a não ser para a alegria"

Rubem Alves

Dois olhos. Nariz. Boca. Cabelo. Foi difícil me reconhecer no espelho. Como que cheguei a esse ponto? E de novo? Depois desse momento, eu parei novamente de olhar em espelhos, de tirar fotos, de lembrar de mim. Era terça de manhã. Cumpri minhas atividades obrigatórias ao longo da semana e no restante do tempo, eu simplesmente inexistia. Hoje em dia é muito fácil inexistir. Você liga a TV, o notebook e o celular. Tudo ao mesmo tempo. O cérebro vagueia para lá e pra cá sem se apegar. Tudo torna-se desinteressante rapidamente. É telenovela, telejornal, postagens de atividade física, de beleza, de música, de conquistas, vídeos de sítios no interior de Minas Gerais. Salvo várias postagens de dicas de saúde, de viagens, de atividades. Existem centenas salvas e estou certo de que não segui nenhuma

sugestão. O ciclo só é interrompido por atividades obrigatórias e pela fome. A fome alerta que preciso pausar. É só o tempo de adquirir alimento e se reconectar com o nada. Dias após dias, há um cansaço. Uma vontade de sentir. Eita, eu estou com vontade de viver. Viver enquanto sinônimo de alegria genuína. Poxa, o que eu posso fazer?

Limpei o lugar, lavei roupa, comprei comida. Atualizei os e-mails, organizei os compromissos da semana. Fui à academia e me exercitei. Fui até um café e pedi uma ótima refeição. As pessoas vêm e vão. Penso sobre elas. Suas histórias, seus sonhos e para onde caminham. Algumas reconheço: devem morar ou trabalhar por ali. Há uma alegria sutil em manter a ordem em nossa vida. Aquela sensação de controle. Mas ainda não me encarei no espelho. No meio da sensação de controle, há um sentimento inibidor e então eu quero inexistir de novo. A verdade é que existe o medo de existir e sofrer. E também o medo do desconhecido. O medo de não ter controle. Eu penso muito. "O controle é ilusão: caos é a regra". Quem disse que isso me conforta? Rumino para lá e pra cá. Penso na visão de minha lápide e meu corpo sob ela e o ir e vir do

do sol: mil anos se passarão, a relva cobrirá e todo meu sofrimento presente foi em vão. Tenho sonhos e há o risco de não conquistá-los. O medo do fracasso. A vergonha. A insatisfação.

-Chegou algo para o 105? - pergunto ao porteiro. Ele olha em volta e encontra um pacote de livro.

-Assine aqui, por favor - diz ele.

Pois veja só: mais um para fazer companhia aos livros em cima da mesa, da cômoda, em caixas de entrega não abertas. Comprei tantos. Eu amo muito. Assinei um clube de literatura só para ser lembrado mensalmente que é bom demais ler. Mais um chega para fazer companhia aos seus irmãos abandonados. Existe um forte sentimento de nostalgia em mim. Quando o presente é insuportável e repensar sobre o futuro um ato macabro, o passado é tão reconfortante. Olhar para os livros que me acompanharam até aqui é reconfortante. É a certeza de que nada trágico aconteceu. É olhar para aqueles títulos e relembrar histórias cuja narrativa eu sei como irá se desenrolar. Quando eu era criança, eu amava o inexplorado. Eu amava o que estava por vir. Era imerso no momento e o futuro não me amedrontava. O mesmo futuro que hoje é detalhadamente planejado e temido. É engraçado. Sabemos como tudo termina. A vida é como um parque de diversão: tem um fim. Você decide se vai aproveitar ou vai ficar com medo dos brinquedos. Então, me questiono: o que há comigo? Meus amigos dizem que é reflexo de como vivemos hoje: o medo do futuro é muito maior que o medo da morte. Preciso perguntar de novo os mecanismos. Por enquanto, sem terapia e sem resolução, sigo firme na minha relação com o hoje e o amanhã: com medo e paralisado.

Reorganizar os livros é reconfortante. Começo a fileira com os maiores. Os russos, Charles Dickens, coletâneas. Vários não lidos à espera de um milagre. O tamanho decresce: Clarice, Machado, A morte de Ivan Ilitch. Ora, ora. Ivan Ilitch. O exemplar cidadão e funcionário que fez tudo menos o que importava para si e se dá conta disso diante da morte. Bom, relevem minha interpretação simplista. Mas vejam só: a vida existe porque a morte a confirma. Quando confrontados pela finitude certa, é como se a vida se resignificasse internamente. Sempre lembro de uma notícia sobre entrevistas com pessoas idosas no leito de morte. "Qual o seu maior arrependimento?". O primeiro lugar ficou com não ter vivido uma vida que fosse fiel a eles

mesmos. Ou seja, viveu fazendo o que os outros gostariam que fizessem. Ser um animal social tem suas desvantagens, afinal. Só que existe outra questão: o que eu quero de verdade de tal forma que não vou me arrepender quando estiver morrendo? Pergunta ingrata. Macabéa, que vida sofrida! Capitu, tu devia ter matado a peste! Karenina, era amor que tu queria? Baleia, te dou todos os preás! Só sofrimento. Não estou encontrando um livro com final feliz. Seria um sinal? É engraçado que eles parecem um desabafo no qual nos identificamos. A dor é universal. Quando compartilhamos nossa dor, existe um sentimento de superação. Quando compartilhamos, permitimos que outros identifiquem a própria dor e vejam que não estão sozinhos. Compartilhar, mesmo que dor, é acolher.

Ora pois, uma pequena coletânea de textos premiados de alunos do ensino fundamental e médio de 2009. O que foi que escrevi mesmo?

"Quando o arrependimento matou pela primeira vez (que título trágico! - Risos.)

Luizinho era um garoto do interior que nunca tinha ido à cidade grande. Ao completar 10 anos, o pai o levou para conhecer o avô, que morava na capital do país. Acostumado ao ar puro e plantações verdejantes, Luizinho ficou



Blue Nude II, de Henri Matisse

abismado com os rios poluídos que via durante o trajeto e se espantou ainda mais com a poluição e os enormes arranha-céus (**e eu morando em São Paulo agora - ironias do destino**). Chegando à casa do avô, perguntou onde estavam os animais, as plantas e o ar puro (**caramba, que criança militante**). O avô, percebendo o espanto e a curiosidade do garoto, explicou a crescente urbanização, a poluição excessiva do ar e o que aconteceria se as pessoas não parassem com os excessos que praticavam contra a natureza. Após algumas horas, Luizinho entendeu o problema ambiental que o mundo encarava e prometeu ao avô fazer algo para melhorá-lo.

Luizinho cresceu. Tornou-se político e (**Deus tenha misericórdia! - isso que ele queria melhorar o mundo**), após algumas décadas, era o Presidente do Brasil! Agora era o Senhor Luiz! (**eu estava fazendo uma crítica ao presidente da época?**). Junto com a carreira política vieram as viagens, o apoio aos pecuaristas, aos construtores, bem como, a aversão a assuntos ambientais, mesmo quando iniciados pela mãe, amante da natureza (o sonho do oprimido é ser opressor). Com o tempo, Luiz se casou, teve filhos e netos e se aposentou. Estava velho e orgulhoso do que fizera pelo país. Um dia, em sua fazenda, com o neto Marcelo, foi inquirido pela criança.

-Vovô, o que são formigas, vacas e macieiras?

Nesse exato momento, Luiz viu passar pela sua mente a promessa que fizera ao finado avô e os pedidos aflitos de sua mãe para que ajudasse a natureza. Teve todo o poder do mundo para preservar sua casa, o nosso planeta, e nada fez. Agora, era tarde demais. Na África, a seca causava guerras sangrentas; na Europa a escassez fez com que o governo emitisse alerta de emergência; e o

Brasil, outrora símbolo do paraíso, não ostentava mais a Mata Atlântica e a Floresta Amazônica. O velho Chico se tornara uma lenda. Ele, que teve a grande chance nas mãos, não preservou as preciosidades que amava, nem pensou em seus netos. Agora, ali, velho e sem o poder, sentiu uma forte dor no peito arrancar sua vida e, como último pedido antes do derradeiro suspiro, pediu para voltar como uma formiga e mostrar ao neto o que ele nunca poderá ver.

E assim se foi Luiz do Planeta Azul, já não tão azul assim."

Minha alma de hoje reencontrou a minha alma de quase quinze anos atrás. Não reconheço mais aquela pessoa, mas consigo sentir como era ser ela. Ela era - viva. No sentido que a vida era para ser um instrumento de alegria. Retomei cheiros, texturas de roupas. Músicas. Novelas. Eu nem tinha cabelo branco ou lesão por esforço repetitivo. E não me preocupava com vestimenta ou decoração para aparentar ser bem sucedido. Eu não pensava na vantagem de alguém falecer dentro da Instituição e a sua vaga ficar disponível ou de algum parente não ter filho e quando morrer e sua herança talvez vir para a minha pessoa. Eu não tinha insônia. Ou má vontade com minha aparência. Eu sorria para as fotos. Com autorização de quem eu me tornei o que sou hoje? Estou numa ilha tão distante e nebulosa cercada de meus tubarões imaginários. Que ironia. A alma da criança que eu fui vagou para o Quarto Círculo, empurrando sofredamente aquilo que supostamente seria minha felicidade.

O Planeta realmente não está mais azul. Não diria que eu tenha sido profético. Desde que nasci que o planeta está sendo destruído por

Henri Matisse, La Musique (1910)



nossa ganância. Nunca conheci a Floresta Amazônica. Já fui para outros países mas não conheço quase nada do Brasil. Sou consumista. Minha alma de infância me confronta sem piedade: eu estava escrevendo para mim mesmo? Era um aviso para eu me reconectar com o que realmente importava? Pergunta: se eu tivesse todo o dinheiro do mundo, o que eu faria com meu tempo livre? Eu iria para uma área rural. Um lugar com muito verde. Eu nasci, cresci e fui muito feliz na paisagem verde, de terra vermelha e com vira-latas. Eu sempre fico feliz quando vou a lugares assim. Há uma distinção de ar, de relações interpessoais. Eu sou diferente ali. Existe alegria em mim. Eu fiquei convencido de que havia algo melhor. Era mentira.

Eu confesso que perdi a alegria. As palavras escritas vieram me resgatar. A literatura é alteridade. Minha alma de infância se reencontrou com a alma de hoje. Envolveu minha alma em um manto de bálsamo e acolheu minha dor. Reconecte-se. Reconheça o outro que foi.

A coletânea paira sobre a mesa. O telejornal expõe as tragédias cotidianas. Mensagens surgem continuamente no aplicativo de mensagens aberto no computador.

Sinto fome. Fome de alegria. Não de ser o que eu fui, mas de reescrever o que sou hoje. Quando minha alma velha estiver para deixar esse Planeta não tão Azul e rever fotos e reler textos do passado, que se sinta alegre. Sem arrependimentos.

Por hoje, desejo que minha alma velha esteja sempre conectada com minha alma de criança, de jovem, de adulto, de meia-idade, de qualquer idade, numa dança de acolhimento, apoio e poesia. Uma dança comigo e meus outros em constante alteridade.

Henri Matisse em seu estúdio em Issy-les-Mouli neaux, 1909

Foto: Henri Manuel.
Artworks: © Succession
H. Matisse/VISDA 2022



Experimental, entre línguas, o “outro”

Kaio Moreira Veloso

Mestrando em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (Pós-Letras/ UFOP), e bacharel em Jornalismo pela mesma instituição.



Comecei a aprender inglês aos dez anos de idade. Naquele tempo, não sabia o quanto uma língua estrangeira poderia modificar a minha vida como leitor curioso. Não falo sobre tardes inteiras decorando listas de verbos irregulares, nem sobre os benefícios do aprendizado de um segundo idioma. Acontece que aprender inglês, essa língua que parece ainda dominar o



A escritora argentina Sylvia Molloy (Foto: Lagnappe Studio)

mundo econômica, política e culturalmente, permitiu-me ter contato com o “outro”; a experiência da alteridade, ainda que, a princípio, pasteurizada pela indústria cultural. Usualmente, quando vejo a expressão “alteridade” ser usada, constrói-se um imaginário exótico, quase mítico, também às formas de expressão e de vida pouco conhecidas, reconhecidas e valorizadas. Reconheço esse lugar e quero trazê-lo para dialogar com minha própria experiência diante de uma língua estrangeira considerada hegemônica ao mesmo tempo que pretendo expandir a concepção sobre a cultura anglófona e cruzar os movimentos entre conhecer o “outro” e se conhecer.

Todos esses pensamentos que, admito, podem parecer confusos e contraditórios, foram a florados com a leitura de “Viver entre línguas”, de Sylvia Molloy. A autora argentina foi uma importante ensaísta radicada nos Estados Unidos. Viveu e trabalhou não apenas entre países, mas entre o espanhol, o inglês e o francês. Bem-humorada, sua escrita trouxe à

tona minhas memórias de infância rumo ao bilinguismo, bem como um sentimento que guardo, mas que dificilmente consigo traduzir de forma eficaz ou adequada – que este contato se trata de uma experiência visceral, podendo ser poética e sensível, mas também conturbada e violenta. Afinal, somos convocados a satisfazer uma de nossas necessidades básicas, a comunicação, em um

código ainda não completamente decifrado, nem sempre por opção própria.

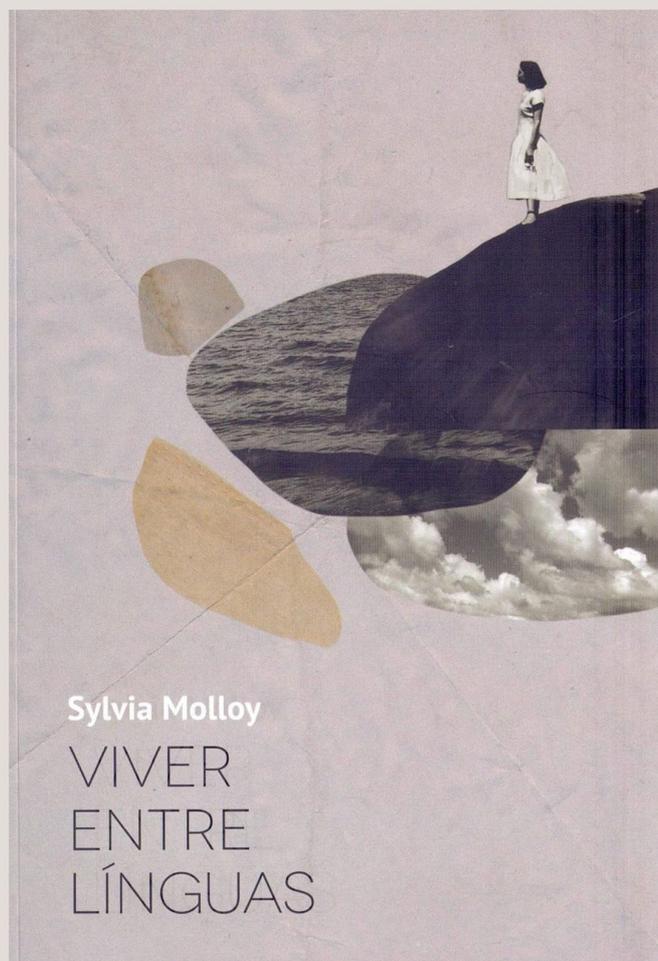
Tal experiência carrega o acúmulo da história e da cultura dos falantes das respectivas línguas, a “de lá” e a “de cá”; os procedimentos altamente criativos daqueles que a falam e/ou escrevem. Gírias, neologismos, sotaques e dialetos são apenas o começo. Penso nas metáforas e nas figuras de linguagem presentes nos poemas, nas representações compostas na ficção e nos relatos históricos e autobiográficos; em mitos e lendas; em canções e encenações. Tudo isso colocando as tais línguas para jogo. Como transitar em meio a universos inteiros construídos com palavras e frases quando delas pouco ou nada se compreende?

No curto livro de ensaios, entre a ficção e a autobiografia, a autora reflete sobre sua decisão por escrevê-lo em espanhol, sua língua materna, e não em algum dos outros idiomas com que conviveu por anos. Também reconta casos de escritores com vivências similares – vidas bilíngues, algumas marcadas pela

imigração, em que alguns optam por utilizar não mais a primeira, mas a segunda língua como expressão mesmo em sua intimidade. Também me ateno às histórias onde pais, criando seus filhos em outro idioma, reservam para seus momentos a sós a língua desconhecida pelas crianças, e aprendida por elas apenas na fase adulta. Me pergunto se seria possível remontar àqueles tempos, decifrar os segredos guardados com a língua desconhecida.

Hoje, estudo formalmente as literaturas de língua inglesa. Como filho do sul global, assim como Sylvia, reconheço a complexidade que é falar em alteridade, na ideia de "outro", quando este "outro" é tão massificado, tão insistentemente divulgado e presente na cultura contemporânea por uma relação desigual de poder e influência. Por que, ao decidir aprender uma língua, escolhi o inglês, e não espanhol, italiano, mandarim, russo ou tupi? Não sou inocente a esse respeito, mas é fato que, inserido na globalização, cuja mediação ocorre em inglês, conhecer a língua dos que detém a vantagem no jogo permite vários passos. Leio artigos e livros nesse idioma; ouço e assisto a incontáveis horas de conteúdo anglófono, navego por arquivos digitalizados por bibliotecas estrangeiras que serão úteis para a minha pesquisa, e me descubro cada vez mais interessado em conhecer toda uma história literária que se mostra muito mais diversa do que até então imaginava.

Eis aqui o ponto a que gostaria de chegar. Pensando na relação entre o gosto pessoal e o cenário político-ideológico, passei a refletir sobre o que de fato conheço da cultura anglófona. Descobri enormes lacunas quando me dei conta que o best-seller da infância não passa de um grão de areia na imensidão literária compreendida entre o épico "Beowulf", primeiro registro literário anglo-saxão do século VIII, até as diversas publicações contemporâneas escritas, e publicadas todos os anos no mercado editorial anglófono. Parte delas (menos do que se imagina) chega a nós, os "outros" do sul global, em traduções mediadas também por relações mercadológicas e ideológicas. E tudo o que não chega até aqui? Que histórias, poemas, ensaios são deixadas para o "lado de lá", não fossem movimentos alternativos que buscam romper com as lógicas mais tradicionais de tradução, edição e distribuição? Conhecer esse universo materializou para mim uma experiência muito particular de alteridade.



Editora Relicário (2018)

Entrar em contato com uma cultura que não nos é familiar – e incluo aqui a cultura anglófona, embora esta seja supostamente sobre representada pela indústria – provoca estranhamentos, sobretudo quando não há mediação no encontro (e acredite, há muitas coisas sobre as línguas que nem as melhores traduções são capazes de contornar). Há desejo nesta experiência de transpor os lados "de lá" e "de cá". Desejo o "outro" ardentemente, com expectativa em descobrir algo que desconheço, que sou incapaz de imaginar. Lá no fundo, alimento a esperança que o "outro" carregue o que falta, pois o já conhecido não me é suficiente; não responde às minhas demandas; não sacia o meu desejo. Mas, percebam, o ponto de partida é ainda o conhecido. Sylvia explica essas condições de contato – Mesmo a experiência da alteridade se dá a partir de um ponto que nos é familiar. O estranhamento ocorre em oposição ao que se conhece, ao reconhecível. A transposição para o "lado de lá" não exclui por completo a origem. Leio a cultura anglófona a partir do meu lugar de brasileiro. É inquietante, conflitante, e também encantador.

Voltemos agora àquela questão incômoda sobre esta cultura, ou melhor, uma face enlatada da cultura estadunidense, importada há décadas. Quando pequeno, aprendendo inglês e desejando a outra cultura, acreditava que o ensino médio seria como nos musicais da Disney, e relutava em aceitar que as estações do ano no Brasil não se assemelham às representações vistas no cinema. Anos mais tarde, Chimamanda Adichie falou sobre uma experiência parecida quando percebeu que os livros de sua infância na Nigéria falavam em neve e maçãs, distante da realidade do país africano.

Hoje, fala-se constantemente em expressões de alteridade, especialmente na Academia, ao mesmo tempo em que movimentos diversos pressionam reformulações nas bibliografias. Curiosamente, estes fatores deixam ver o movimento de mão dupla da alteridade – ao buscar o “outro” constantemente negado, é recorrente um encontro com a identificação. Podemos pensar que uma leitora brasileira de Adichie, falante do português, pode ser tocada pelas histórias narradas pela autora nigeriana, cuja expressão ocorre através do inglês, por sua proximidade com certas experiências perpassadas pela colonialidade, mas também por traços mais subjetivos que venha a encontrar em sua leitura literária.

Distanciando-me dos textos, penso em um exemplo geopolítico que demonstra o poder desta identificação pela diferença – diante dos conflitos na Faixa de Gaza, a população irlandesa, marcada pela colonização britânica, encontra na experiência palestina paralelos com a sua própria, e demonstra seu apoio ainda que se tratem de povos com história e cultura tão distintas. Lembro-me como a língua inglesa foi imposta à Irlanda e como foi reformulada com o surgimento do dialeto hiberno-inglês (hibernial english), fruto do encontro entre o irlandês/gaélico pré-colonização e a língua hoje falada pela maior parte da população. São formas de alteridade que residem, antes de tudo, na linguagem, e permitem experimentar o “outro” de maneiras surpreendentes, tornando-o mais próximo do que já se conhece.



A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie

Foto: Manny Jefferson (Divulgação)

Faça o jornalismo literário independente acontecer!

A Revista O Odisseu chega até você sem nenhum custo, mas isso não quer dizer que fazê-la seja fácil. Existe uma equipe multidisciplinar com mais de 30 pessoas de vários lugares do Brasil que faz com que esta edição possa ser lida por você. Nós somos pioneiros no formato de revista literária 100% digital e gratuita e aqui você lê crônica, ficção, ensaio, poesia, resenha e o que mais houver sem precisar pagar nada. Mas se você quiser nos ajudar, saiba que sua contribuição é mais que bem-vinda!



Foto: Museums Victoria

Saiba como nos ajudar!



Compartilhe que você recebeu a nova edição nas redes sociais e marca o nosso Instagram @o_odisseu



Faça um pix de qualquer valor pelo QrCode Abaixo!



Ewerton Cardoso / Nubank



Apoie nossa campanha de financiamento coletivo a partir de R\$ 5!



apoia.se/revistaoodisseu

A incompreensão do texto

Caio Paiva Ribeiro

Colunista e editor da revista literária O Odisseu, graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e membro do Seminário de Introdução à Psicanálise (SIPSI)



“É que Narciso acha feio o que não é espelho” (Caetano Veloso).

Não é rara aquela experiência em que, ao erguermos à altura dos olhos ou então ao sustentarmos em uma superfície plana ou inclinada, um texto qualquer cuja leitura tenha-nos sido imposta — seja por uma autoridade (a exemplo do professor que nos avalia), seja por um desejo ou vontade autônomos (utilitários ou não) —, somos tomados por uma náusea, uma frustração, um mal-estar; desconforto que normalmente sobre nós não se abate:— não compreender em absoluto que é que queriam as mãos que inscreveram em papel (ou micro-chip) as palavras com as quais agora nos deparamos.

O que se pode fazer diante de tal situação? Rer o já lido? Mas isso já foi feito diversas vezes e parece que quanto mais se lê, menos se entende...

Eis a bifurcação que se nos apresenta: abandonar o texto como está praguejando e amaldiçoando aquele deu à luz tal aberração verborrágica, ou então dar a ele ainda mais uma chance — continuar batendo figurativamente nossas cabeças contra o muro verbal que diante de nós se estende interminavelmente até que aqueles jargões desconexos e palavras desconhecidas, esse obstáculo sintático e semântico, adquira para nós algo que se assemelhe a um pequeno feixe de luz em meio ao nevoeiro — um resquício de sentido: o ouro de qualquer leitor, este



garimpeiro que incessantemente peneira verbos, adjetivos, substantivos e pronomes movido tão somente pela promessa vaga de uma possível recompensa ao final de toda a tormenta. Não é (e isso é certo) nada razoável o pedido que aqui é feito:— realmente é um processo que demanda tempo, esforço, dedicação e tempo, muito muito tempo: coisa de que pouquíssimos de nós gozamos farta ou mesmo satisfatoriamente. Além de tudo é arriscado: não há ninguém no mundo que possa garantir que ao fim e ao cabo o objetivo, seja qual for, vai ser alcançado. Atingirei a nota que desejo? É impossível afirmar ao certo. Irei aprender logo a técnica a qual necessito aprender? Pode ser que sim, pode ser que não. Satisfazer-me-ei — como imaginado — com o encadeamento de palavras que eu tanto almejava corajosamente desbravar? Quem sabe...

Talvez mais interessante do que meramente especular incessantemente acerca de um futuro para nós de antemão inacessível seja examinar detidamente que fim terá tido aquele que, ao abandonar o desconforto e rechaçar o estranhamento da incompreensão, seguiu um caminho diferente daquele que, por meio da mera esperança, teimou em tocar em frente. Tendo retornado agora à inerte condição em que previamente se encontrava, ele não faz outra coisa: precisa garantir esse estado que agora a ele se tornou tão confortável e aprazível, precisa colonizar esse local em que o entendimento é instantâneo e a compreensão é um dado, precisa reforçar seu domínio sobre ela de modo a poder erigir ali o seu trono, onde poderá passar o resto de seus dias gozando da mais inerme e inócua realeza autoproclamada. Seus súditos? Aquelas palavras que — uma vez para si imediatamente claras e distintas tornadas, tão logo corram seus olhos pelas manchas ordenadamente impressas na página — agrupam-se para formar verdadeiros deleites e espetáculos que em muito agradam o nosso rei. Essas palavras, agora ao papel de bobas-da-corte relegadas, não têm outra função que não agradar e realizar as vãs e autoindulgentes pretensões desse monarca, cuja coroa foi posta à cabeça por ninguém mais que si mesmo. Seu reino é surpreendentemente calmo e livre de inquietações:— tudo parece bem por aqui, como devesse ser.

Porém, o impensável ocorre: um belo dia, diante das palavras que há tanto tempo o agradam, o rei simplesmente não vê a graça em

Releitura do Narciso de Caravaggio por Maicon Aquino (@aquinart)



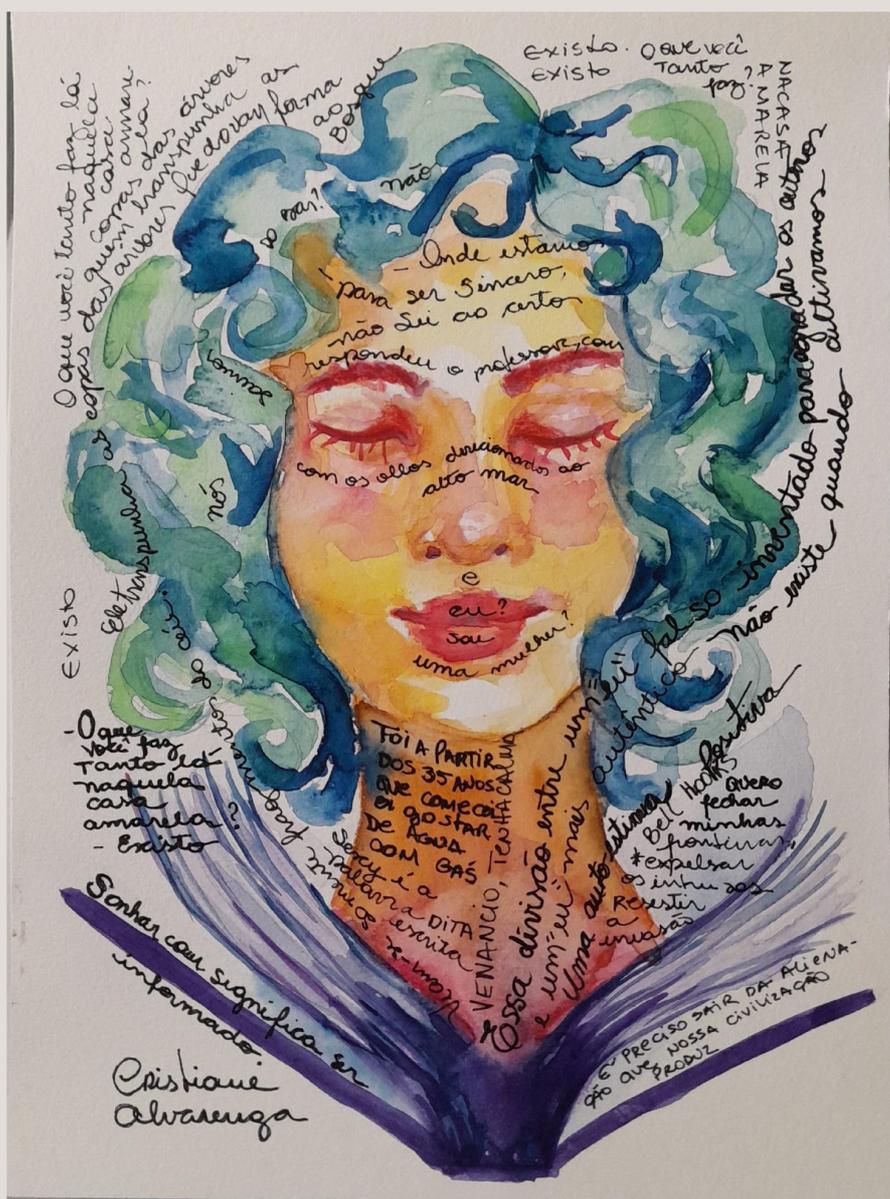
uma das piadas contadas e o espetáculo não mais o consegue aprazer de modo algum — a paz agora se transformou em dúvida, e a dúvida logo se aprofundou, tornando-se desespero. É nesse momento que um novo dilema se prostra ante nosso agora déspota e senhor de todas aquelas palavras: reforçará ele sua tirania expulsando de seu mais novo reinado aqueles vocábulos que tanto o desagradaram tomando imediatamente por ofensa aquilo que não alcançou imediatamente seu entendimento, ou então descerá ele de seu trono e cumprimentará cara a cara o súdito que o surpreendeu, inquirindo-o francamente numa busca de compreender o mal-entendido que ali se engendrou? Ora, essa escolha é a escolha que faz todo leitor ao se deparar com aquele texto que não consegue entender logo de início: ou tornar-se tirano das palavras que até si chegam e descer a ponte levadiça apenas àquelas que julga digna de habitarem em seu reino expulsando todas aquelas que ao seu metro não se adequarem tal qual Procusto o teria feito, ou deixar entrar aquele estrangeiro com vestes exóticas, aquela estranha delegação de nação estrangeira, aquele imperscrutável

artista que performa espetáculos nunca antes presenciados — trata-se de conferir o direito de existência de voz àquilo que é o outro de si mesmo.

O tirano lê o texto sempre em busca nele daquilo que em si já há muito habita: seja na estilística, seja na escolha lexical, seja na construção imagética que tem ali diante de si. Por essa razão, jamais se encontra no texto: tudo que encontrará será um endurecimento claro e franco de seus já bem arraigados preconceitos e vieses, muito bem enraizados em solo infértil e esgotado:— é que não haverá ali meio suficiente para que descubra o que em si é estranho e alheio, o que em si é desconhecido e obscuro, o que há de outro em si mesmo.

Por outro lado, o viajante — sua contrapartida — terá o destino oposto, posto que não procura estritamente nada naquele texto: nem prazer, nem sofrimento, nem aprendizado, nem ignorância, nem beleza, nem feiura — ele apenas segue o caminho que diante dele se põe para trilhá-lo, quem sabe, até o final. Se algo de bom ou proveitoso irá encontrar? Quem se importa? Olhe tudo que foi necessário conquistar para que chegasse até aqui! Em vez de seguir uma trilha de migalhas de pão, ou mesmo percorrer uma linha tracejada em um mapa, ele desbravou seu próprio caminho, carpiu sua própria via, e colheu no fim das contas o dia que sempre esteve a seu alcance. Perder o seu tempo? Pelo contrário! Ele é o único que tem nessa empreitada a solene e singular oportunidade de descobrir alguma coisa que se possa pretender como verdadeiramente valiosa:— é que foi naquela altura que descobriu haver em si tudo que precisava desde o princípio para que encarasse o outro como um igual, na exata medida de sua completa diferença; foi no outro que encontrou a si mesmo.

Por isso, rogo a ti, leitor, que jamais contenta-te com aquilo que seus olhos possam no momento tocar e que não exorcize nunca de tua vida as sombras e trevas que não consegues por ora decifrar. Abraça sempre o texto como se abraça um velho amigo, pois somente nessa postura é que terás alguma chance de ler de fato um texto, em vez de simplesmente enganar-te a ti



mesmo; somente assim terás diante de si uma janela para o mundo, em vez de apenas um espelho muito bem ornamentado que mostra apenas o que há de mais superficial em teus próprios traços físicos. Cuida, leitor, para que incompreendas muito bem os teus textos lidos para quiçá algum dia compreendê-los parcialmente e para que jamais compreendas integralmente nada, incomprendendo-se desse modo por completo. Ao decidir-te por esta segunda conduta, estarias fadado ao mesmo destino de Narciso, o qual — julgando ter de todo compreendido e conhecido a imagem que via nas águas refletida — quedou-se tão absorvido por sua própria crença de autossuficiência, que definiu ali mesmo sem jamais se preocupar em buscar algo no mundo que não fosse ele mesmo.

Portanto, eu digo: nescire aude! "Ouse não saber!"— posto que é muito mais difícil lidar com os limites do próprio entendimento, do que simplesmente tentar expandi-los a todo custo,

A linguagem em seu duplo contato

Matheus Xavier

Graduando em Letras Vernáculas [UFBA], colunista da Revista Odisseu e pesquisador CNPq do grupo de pesquisa Poética do tempo no drama brasileiro contemporâneo)

Instagram: @omatheusxavier



O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

Fernando Pessoa
(Autopsicografia, In:
Cancioneiro)



A literatura é uma grande mentira. Desprendida, modernamente, de valores morais de cunho religioso, ela pode nos transmitir inúmeras possibilidades humanas, verossímeis ou inverossímeis, em diversos momentos de nossas vidas. No filme *Interstellar* (2014), há uma famosa frase que, traduzida para o português brasileiro, seria algo equivalente a “o amor é a única coisa capaz de transcender as dimensões de tempo e de espaço”. Se substituirmos, na frase sobredita, o “amor” – aqui não como um verbo, mas sim como substantivo – por “literatura” – também substantivo –, a frase, ainda assim, continuaria funcionando, semântica ou sintaticamente, com certo sentido, resultando, literalmente, no seguinte: “a literatura é a única coisa capaz de transcender as dimensões de tempo e de espaço”. Com isso, ao atribuir à literatura uma dimensão um tanto transcendente – já que ela seria capaz de ultrapassar os limites do tempo e do espaço – podemos perceber que a literatura, seja em sua modalidade escrita, seja em sua modalidade oral, é capaz de atravessar temporalmente os momentos históricos – de Homero até o século XXI – e que, também, é capaz de ultrapassar as

barreiras espaciais ao longo da história – da Grécia até os best-sellers norte-americanos e também nacionais.

Feito essa breve digressão, retomemos o fio condutor de nossa conversa: a literatura é uma grande mentira. Veja bem, ela não é qualquer mentira, mas é, sim, uma grande mentira: o que a torna uma grande mentira – no sentido edificante e paradoxal da coisa – seria o seu poder de humanização. Claro que esse poder de humanização só é possível a partir de uma comunidade literária, composta, principalmente, de produtores, vulgo autores, e também de receptores, vulgo leitores. Diante disso, pode-se afirmar que a literatura possui uma grande relação com a noção de alteridade, isto é, a qualidade do que é do outro. Constata-se, então, a partir do exposto, que a literatura, a partir dessa interlocução entre escritores e leitores, por meio de textos ficcionais – vulgo mentirosos! – em variados gêneros, pode ser uma via de acesso ao outro e, portanto, ela – a literatura – seria uma via de mão dupla em que escritores e autores encontram-se submetidos em uma relação de um duplo contato, algo muito próximo do que diz

Roland Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, no fragmento intitulado *A conversa*, que inclusive até mencionei na minha coluna de fevereiro (edição anterior), da Revista *O Odisseu*. Retorno, agora, à formulação aristotélica, descrita na *Poética*, para afirmar que o poeta – enquanto ficcionista – seria aquele capaz de falar sobre aquilo que poderia ter sido e não sobre aquilo que de fato aconteceu (isso estaria sob o ofício do historiador). Por isso, o escritor de ficção pode entrar em contato com o outro a partir das suas mentiras, pois, nesse caso, as suas mentiras expressariam possibilidades de vida que, em contato com o outro, podem estabelecer um vínculo de identificação, quer seja por temas universais (como amor, ódio, vingança, compaixão, medo, piedade, desilusões etc), quer seja por questões de vínculos identitários.

A literatura é uma arte e cada arte possui a sua linguagem – ou seus signos constitutivos. Além da enunciação de outras possibilidades existenciais construídas por um autor mediante uma narrativa ou mediante um poema – ou, ainda, por intermédio de qualquer outro gênero ou forma literária – como mencionado anteriormente, é preciso, antes de discutirmos concentradamente a relação entre a literatura e o outro, entender o que constitui a linguagem literária. Para isso, é necessário estabelecer um contraponto comparativo e formal entre um texto literário e um texto não literário ou habitual.

A linguagem literária é marcada por uma forma capaz de causar, no receptor, o estranhamento, conforme Victor Chklovski – um dos pioneiros do Formalismo Russo em 1917 – no louvável ensaio *A arte como procedimento*. Uma forma obscurecida, que não necessariamente é sinônimo de uma forma hermética ou pedante, mas sim de uma forma que tem um funcionamento estético que se diferencia de um texto informativo, por exemplo, e que visa desautomatizar o leitor, diferentemente de um texto rigidamente objetivo que não possui uma proposição estética em um sentido de fruição. O texto literário é capaz de fornecer ao leitor inúmeras possibilidades interpretativas e a sua verdade não se encerra em si mesma, como em um texto informativo que, muitas vezes, retrata aquilo que é factual; na verdade, em se tratando de um texto literário, dificilmente existe uma verdade homogênea e, portanto, única, o que há é uma heterogeneidade interpretativa mesmo, pelo menos na maioria dos casos. Por outro lado, uma matéria jornalística, permeada pela função referencial da linguagem, não transcende os limites da sua verdade interpretativa, já que, nele, encontra-se, objetivamente, todos os dados

circunstanciais que tornam o seu conteúdo verídico em si mesmo e, por isso, tende a ter uma noção de verdade bem-definida e homogênea, diferentemente de um texto literário. Neste breve exercício comparativo, poder-se-ia afirmar que uma linguagem literária seria construída conforme uma noção formal conhecida como *literariedade*. A literatura seria a utilização da linguagem, por meio de um corpus linguístico, capaz de afastar o leitor da zona de conforto, por meio de um procedimento formal de natureza estética. Ao conforto, o leitor já estaria acostumado, ao ser diariamente bombardeado pela linguagem típica das inúmeras banalidades existentes no cotidiano. A linguagem literária (caracterizada pela *literariedade*), portanto, é esse movimento que vai no sentido oposto à linguagem literal, evocando efeitos reflexivos sobre variados temas, podendo, muitas vezes, partir do próprio cotidiano a fim de elevá-lo, atribuindo-lhe um significado não banal e, por conseguinte, mais profundo.

Outro ponto a ser esclarecido é o seguinte: há uma distinção entre autor e obra. Isso porque o autor cria em uma determinada obra um universo imaginado, verossímil ou inverossímil, realista ou fantástico (ou até realista fantástico sem haver necessariamente uma oposição formal entre ambos), e por isso a relação direta entre



entre autor e obra se caracteriza como uma visão já ultrapassada para a Teoria Literária. Fiz questão de mencionar isso pelo fato de que um autor, ao criar um texto literário, expressa-se ficcionalmente por meio desse universo imaginado criado por ele e transposto para o papel que, por sua vez, transforma-se em obra e essa obra, criada por esse tal sujeito, é capaz de estabelecer um contato com um outro sujeito, em qualquer que seja a dimensão temporal de tempo e de espaço, estabelecendo, assim, um diálogo, uma interlocução, tudo isso por meio de um código comum ao autor e ao receptor: linguagem literária.

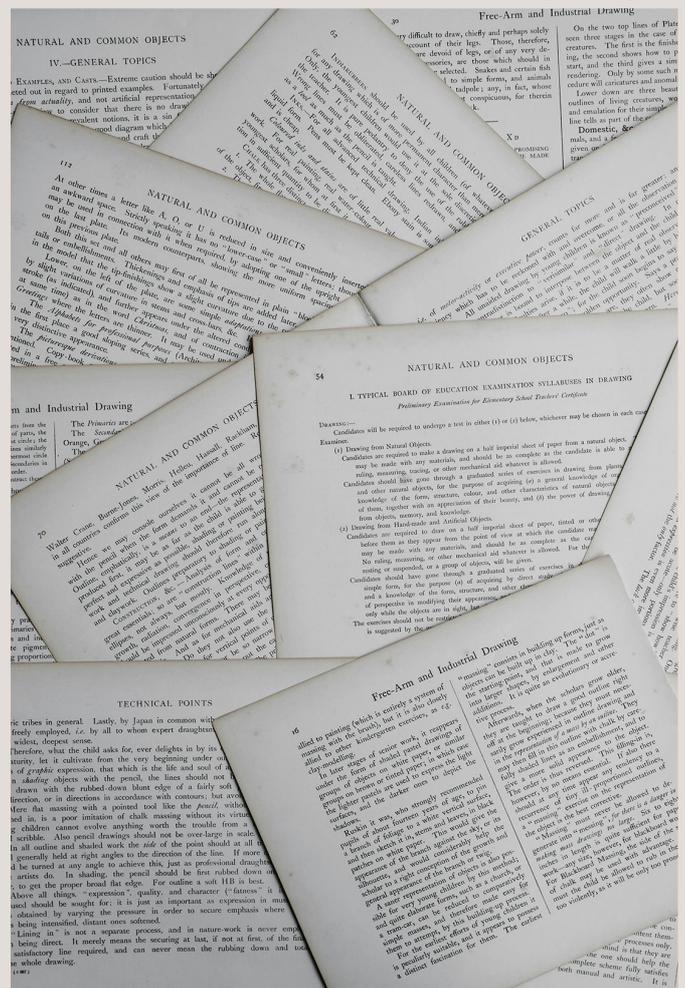
Podemos entrar em contato com o outro. A linguagem de uma produção artística pressupõe o envolvimento de um outro. A linguagem literária permite esse duplo contato. Nessa relação, proveniente desse contato, há a explanação de inúmeras possibilidades de vida – que o leitor pode ter ou não vivido, mas que, a partir do contato com esse texto, ele pode absorver uma determinada experiência estética. A linguagem literária, ademais, ramifica-se em diversas formas enunciativas, ou seja, em vários gêneros literários. Nisso, seja em prosa ou poesia, a literatura, por meio do ato da leitura, possibilita ao sujeito a incorporação de um outro sem que haja, por parte deste mesmo sujeito que absorve o conteúdo de um texto literário, a renúncia da sua própria identidade, mas sim a incorporação de uma possibilidade de vida, desconhecida ou até mesmo já conhecida, porém com um novo olhar, com um novo enquadramento estético.

Essa relação entre leitor e obra – produzida por um autor, mas que na verdade não traduz efetivamente a visão do autor enquanto sujeito e, por isso, “o poeta é um fingidor”, como diria Fernando Pessoa –, faz parte da experiência literária. Ao levar em consideração esse sujeito, durante ou após o contato com a obra, múltiplas interpretações e vivências podem ser interiormente absorvidas e, portanto, incorporadas à sua conduta de vida e ao seu direcionamento enquanto cidadão imerso em uma sociedade totalmente diversa. Por isso que eu disse, no início deste ensaio, que a literatura seria, paradoxalmente, uma mentira capaz de edificar. Ainda nesse âmbito investigativo sobre o efeito estético produzido pelo contato de um leitor com uma obra literária, é preciso salientar que a experiência estética de obras canônicas, por exemplo, pode permitir ao indivíduo a construção de um imaginário que o inclui em uma dimensão humana enquanto um sujeito histórico perpassado por várias contradições nas relações sociais e políticas – e isso é importante para a

formação do indivíduo, sobretudo para que ele perceba que o mundo não começou após a Revolução Francesa e nem após o “advento da modernidade” (contém ironia). Por outro lado, o contato com obras produzidas contemporaneamente é importante para os leitores pelo fato de, em alguns casos, questionar as representações existentes em produções canônicas que estão em descompasso com a temporalidade presente, sobretudo no que diz respeito às representações de grupos minoritários que foram, histórica e ideologicamente, colocados à margem da sociedade e também à margem das representações artísticas.

A literariedade é a linguagem em seu duplo contato. O ato da leitura, embora seja solitário, estabelece vínculos com outro(s). Esse duplo contato da linguagem permite ao indivíduo flutuar, portanto, entre a diversidade, conhecendo – em um eterno gerúndio – a heterogeneidade da realidade, sem perder a sua própria autenticidade, mas incorporando, por meio da experiência literária, elementos estéticos que modificam a sua forma de ver, estar e agir no mundo.

Foto: Annie Spratt (Unsplash)



Ser homem em tempos de feminismo

Ewerton Ulysses Cardoso

Comunicador, criador, editor e colunista da Revista O Odisseu. Ficcionista com contos publicados em antologias e graduando em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal da Bahia.



No meio do caminho do homem tem uma pedra

Essa pedra é a mulher feminista.

Acho engraçadas as reivindicações dos homens, sobretudo os homens heterossexuais de nossos tempos, sobre o discurso feminista. O exemplo mais visível de que existe um incômodo nesses homens foi a recepção da notícia de que a prova da Fuvest, que faz a seleção para a USP, decidiu apenas cobrar livros de mulheres nas leituras obrigatórias do vestibular. Para a Folha de São Paulo, o vencedor do Prêmio Jabuti de 2023, Antônio Prata, escreve:

"Uma vez que a

A filósofa estadunidense Judith Butler (Reprodução)



ideia nasce da virtuosa ambição de lutar contra o machismo, toda a crítica a ela é imediatamente tida como machista. E já sabendo que assim serei acusado, opino: nenhuma contribuição à luta animachista virá de privar adolescentes de lerem Machado, Drummond, Rosa".

Como os homens são dramáticos! E pensar que foram as mulheres que receberam a categorização de intensas. Antônio Prata escreve como se a prova da Fuvest tivesse decidido retirar das prateleiras todos os autores homens, "privando" esses jovens leitores às contribuições dos homens. Dá quase para sentir o medo do autor em ter seus livros censurados, queimados em praça pública e acusados de ideologia permissiva.

A história não nos deixa dúvidas quanto a quem de fato foi censurado, queimado em praça

e recebeu diversas acusações. Vamos nos ater aos fatos e não a conjecturas fantasiosas.

Não, não existe um processo de censura a livros de autores homens. A decisão da Fuvest pode ser boa ou ruim e pode ser lida dentro do entendimento de uma "reparação histórica". Tanto faz! A questão é que os textos escolhidos pela Fuvest são pertinentes e (veja só) talvez suficientes. Acho que só o tempo dirá como nós vamos enxergar essa ação.

O que me proponho a falar é, certamente, sobre o incômodo visível em Prata. O autor está incomodado porque as mulheres estão "tomando tudo" em

em nome de uma luta antimachista. Deixe-me assustá-lo ainda mais: o feminismo é uma revolução que veio para ficar. Não há chance alguma de retroceder no que se propõe a fazer. A tendência, querido leitor, é que as mulheres falem, escrevam e ditem as regras cada vez mais. O medo, portanto, é este: o que será o homem nessa dinâmica? O que restará do homem?

Talvez, o futuro do homem seja ser o outro, coisa que foi destinada à mulher durante séculos. Em "O Segundo Sexo", Simone de Beauvoir nos apresenta esse conceito. A mulher não apenas é o outro em relação ao homem como é também o inferior. Ao passo que os homens sempre se viram como universais, como o neutro (tanto que podemos nos referir à humanidade apenas como "o homem" e jamais como "a mulher"), as

mulheres eram uma categoria ou uma subcategoria, um "quase-homem" ou "um-quase-ser-humano". Sobre isso, Simone escreve:

"Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana" (BEAUVOIR, Simone, 1980, p. 23).

Nesse sentido, Simone é pioneira a apresentar o gênero enquanto uma construção cultural, daí vindo a célebre frase: "não se nasce mulher, torna-se mulher". Mais que isso, quem define o que é mulher e o que é homem é o próprio homem.

Os pós-estruturalistas vão além dessa questão. Butler nos apresenta que não apenas a cultura influencia o gênero, mas as instituições também, e identifica que a performance do gênero também se relaciona com a heterossexualidade. Não basta simplesmente ser heterossexual, é preciso performar uma série de comportamentos que te identifiquem publicamente como uma mulher ou homem heterossexual para que você seja identificado como homem ou mulher.

Estudos como esse apontam que a cada passo nos aproximamos mais e mais da abolição do gênero e isso assusta muita gente, inclusive algumas feministas. Enquanto isso, as mulheres reconheceram-se enquanto sujeito. A característica principal da quarta onda do feminismo, e dessa nova geração de militantes políticos, é o lugar de fala. Já não se quer que o outro fale em prol do se problema. As mulheres feministas não estão em busca de um presidente que fale em nome de seus anseios. Quer-se, e com razão, uma mulher feminista presidenta.

O homem, sobretudo o homem heterossexual e branco, vê-se perdido. Isso principalmente porque essa figura representava o centro de toda a discussão progressista. Anteriormente, vinha dos homens as noções de progresso (ou ao menos é isso que tentam nos convencer): foram os homens os abolicionistas, os republicanos, os sindicalistas.

Esse estranhamento, esse incômodo, foi algo muito bem resumido pela atriz Fernanda Torres em sua última entrevista ao Programa Roda Viva, agora em 2024. Na ocasião, Fernanda falava de como a pessoa branca está um pouco perdida nessa nova dinâmica em que pessoas negras assumem lugares de destaque:

"Eu acho que quem está meio perdido hoje é esse branco libertário, são pessoas como eu. E



A atriz Fernanda Torres no programa "Rova Viva" da TV Cultura (2024/

também do ponto de vista intelectual. Eu vejo o programa do Mano Brown e o Mano Brown sabe exatamente o que está fazendo. O problema do intelectual branco é que ele era o porta-voz do povo. Ele era livre, superior e porta-voz do povo. E hoje o povo fala por si (...) Eles estão achados. Quem estamos perdidos somos nós".

Faz sentido. Eu, enquanto homem, me vejo perdido tentando me achar no meio dessa dinâmica toda e assim imagino que seja o Antônio Prata também. Porque nós, homens libertários, somos dispensáveis. Este texto, por exemplo, é dispensável. Por isso tanta inquietação dos homens em receber o título de "feminista". Eu percebi que é totalmente dispensável essa discussão. Por que eu preciso me autodeclarar "feminista"?

É como se eu quisesse a aprovação das mulheres para ser lido como "bom" e eu acho que não é isso o que as mulheres queiram de nós homens. Acho que o que elas desejam é que não sejamos machistas e que sejamos anti-machistas. A disputa pelo título de "feminista" por alguns homens é a tentativa de se autopreservar, é pedir para uma mulher feminista que o reconheça como igual. Nisso a dinâmica mudou totalmente!

São elas quem ditam as regras, queridos amigos homens. Reconhecer isso não pode dar medo. Não acho que as mulheres vão excluir os homens efetivamente. Mas os homens efetivamente excluíram as mulheres. Dito isso... Que será do homem?

Não sei. Vamos descobrir. E aos que têm medo, como imagino que seja o Prata, eu dou o conselho que um psicanalista me deu um dia. Eu perguntei: "o que faço com esse sofrimento?" e o psicanalista respondeu: "sofra". Acho válido o incômodo que nós homens sentimos. Acho que o caminho é se sentir incomodado mesmo.

Travessias Literárias: As Palavras como pontes

Aline Félix

Editora e colunista da Revista O Odisseu. Administra o perfil "Fração de Livro" no Instagram



Frequentemente preciso de pontes.

Existem partes de mim às quais não tenho acesso pelo caminho natural dos meus pensamentos.

Algumas dessas partes não acesso porque as desconheço e só tomo consciência quando sinto o impacto do solo recebendo as estacas das novas fundações.

Certas pontes já vêm com águas caudalosas, do choro desenfreado por extensas páginas de sofrimento.

Seja porque a personagem gostaria de ter olhos claros*, bonitos e assim ser amada (em algum momento, não desejei isso também?)

Seja porque esse cheiro, está sentindo? Esse cheiro de mãe**, mãe que foi arrancada, feminicídio ... e assim vem mais uma ponte talhada em dor.

Gostaria de lembrar somente de travessias afetivas, aquelas com cheirinho de pão recém assado, em tardes de tom sépia, quem sabe na casa dos Gattai***, que ficou em minha mente junto com o desejo pelo anarquismo.

Desde que li sobre esses anarquistas, achei o comunismo insuficiente, mas a dor na minha lombar aguentaria tamanha revolução?

Penso que não, melhor seguir caminhos seguros, essa ponte me parece balançar demais com pouco vento.

Apesar das páginas serem construtoras de pontes, com palavras potentes formando alicerces sólidos, é a mão de outra mulher que me ajuda na



travessia.

É essa mulher do desenho ali de cima, é a mulher dos meus atravessamentos.

Não, não falo da representação, falo da artista****.

Ela lê meu texto e critica o ponto exato que me incomoda, me ajuda a recomeçar.

Conto para ela do novo livro que estou lendo, sobre mulheres cerceadas da liberdade, que fugiram da fome nos braços do crime, e que, ao terminar esse, pretendo ler sobre mulheres cerceadas da liberdade, pois, aos olhos dos loucos, perderam a sanidade.

Então ela me pergunta: por que isso mulher? Por que não busca a leveza?

Então, outra ponte surge, e vou lá atravessar para tentar descobrir esse lugar onde reside a necessidade de buscar histórias tão intensas.

Ao chegar encontro uma senhora, cabelos brancos na altura do ombro, de costas para mim, admirando as chamas de uma bela fogueira.

Sem se virar ela me diz:

-Já nos queimaram aí.

Ela nota meu espanto e diante do meu silêncio disse:

-É por conta dessa fumaça que você veio, quando nos queimaram, ela se espalhou levando nossas ideias. Você reconheceu o cheiro. Foi ele que te trouxe.

Entendi.

Voltei pelo caminho com uma novidade, um entendimento sobre mim, agora eu sei o que buscava.

"Quando o indizível vem à luz, ele é político"*****.

É isso, busco o indizível, busco o que há de político em cada página.

A leveza eu encontro nas flores que enfeitam minha casa, no riso com minhas amigas, no abraço do meu filho, no beijo úmido do meu amor.

Dos livros, quero as travessias perigosas, os ursos que arrancam as mandíbulas e partir disso uma nova consciência nasce*****.

Busco a compreensão do outro, do bem genuíno, do mal profundo, de coisas que não moram em mim.

Gosto dessas pontes, gosto das águas agitadas, do choro, do choque, do impacto, da descoberta.

Gosto, sobretudo do ato político de ler.

E de cima de minhas pontes, grito:

Leiam, ler é um ato político.

*O Olho Mais Azul – Tony Morrison

** Mulheres Empilhada – Patricia Melo

*** Anarquistas, Graças à Deus – Zélia Gattai

**** Cristiane Alvarenga

***** A Escrita Como Faca e outros textos – Annie Ernaux

***** Escute as Feras – Nastassja Martin

A escritora brasileira Zélia Gattai (Foto: Estação Conteúdo/ Reprodução)



Aos nossos apoiaadores, heróis e heroínas, obrigado!

Frank Kevin
Luciana Konradt Pereira
Jhanade Layany
Aline De Fraga Sulzbach
Mariana Copertino

Expediente

Direção de conteúdo: Aline Félix, Caio Paiva
Ribeiro, Ewerton Ulysses Cardoso e Pedro
Henrique Rodrigues
Diagramação: Ewerton Ulysses Cardoso
Arte: Maicon Aquino